

## Testemunhos entrecruzados da solidão: aproximações e distanciamentos humanizantes na poética de Elizabeth Bishop

### Intercrossed testimonies of solitude: humanizing approximate and detachment in the poetry of Elizabeth Bishop

Wélida Cristina de Souza Muniz Assunção<sup>1</sup>

Manoel Barreto Júnior<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe o entrecruzamento da solidão, como matéria-poética, sobretudo pelo entendimento deste sentimento/modo existencial humano, através da eficácia estética na dicção poética de Elizabeth Bishop (1911-1979). A tal ponto, acredita-se que como fruto de sua expressão artística o isolamento momentâneo potencializa à condição humana, justamente, por retroalimentar a existência e o devir. Com efeito, entre aproximações consigo e supostos distanciamentos sociais. Existe o melhor entendimento da totalidade do mundo que, em constante transformações, potencializa a (re)construção das intersubjetividades. De tal modo, propõem-se leituras contextuais e contemporizadas da primordial lírica bishopiana mediadas pelo aporte teórico-metodológico de PAZ (2014; 2015), BOSI (1990), BRASILEIRO (2012), ABBAGNANO (2007) e FREUD (2016) Assim sendo, busca-se fazer análises acerca do elemento-poético solidão, a fim de evidenciar reflexões acerca do tema através dos poemas *Insomnia*, *Five Flights Up* e *Quai d'Orleans*. Por se acreditar que o isolamento momentâneo tem a capacidade de potencializar a expressão artística, expressão esta que tem o poder de sintonizar o sujeito consigo mesmo. Deste modo percebido esse isolamento se origina na lacuna existente nas formas de comunicação desses sujeitos históricos com o mundo. E essa integração nos oferece oportunidades únicas de diálogos e autoconhecimento ao que parece insulado - mas que deseja em essência comunicar.

**Palavras-chave:** Representações da solidão; Elizabeth Bishop; Aproximações humanizantes.

**ABSTRACT:** This article proposes the intertwining of solitude as poetic-matter, above all by the understanding of this human existential feeling/mode, through aesthetic efficacy in the poetic diction of Elizabeth Bishop (1911-1979). Thereby, it is believed that as a result of its artistic expression the momentary isolation potentiates the human condition, precisely, by giving back the existence and the becoming. In fact, between approximations and supposed social distancing. There is the best understanding of the totality of the world that, in constant transformations, enhances the (re) construction of intersubjectivities. Thus, we propose contextual and contemporaneous readings of the primordial bishopian lyric mediated by the theoretical-methodological contribution of PAZ (2014, 2015), BOSI (1990), BRASILEIRO (2012), ABBAGNANO (2007) and FREUD (2016) to make analyzes about the solitude as a poetic-element, in order to evidence reflections on the theme through the poems *Insomnia*, *Five Flights Up* and *Quai d'Orleans*. Because of the believe that momentary isolation has the capacity to enhance artistic expression, this expression has the power to tune the subject with itself. Therefore, this isolation originates in the gap existing in the forms of communication of these historical subjects with the world. In addition, this integration offers us unique opportunities for dialogue and self-knowledge to what appears to be insular - but that it essentially wants to communicate.

**Keywords:** Representations of solitude; Elizabeth Bishop; Humanizing Approximate.

## Testemunhos de solidão

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, Língua Inglesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Pós-Graduanda em Tradução do Inglês na Universidade Estácio de Sá (UNESA), Bacharel em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: welidamuniz@bol.com.br.

<sup>2</sup> Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Lotado no Colegiado de Letras – Língua Inglesa e Literaturas, *Campus* II – Alagoinhas – e-mail: mbjunior@uneb.br

É de se imaginar o que leva alguém a tentar, e muitas vezes conseguir, exprimir em versos os seus sentimentos, anseios e o entorno. Traduzir sentimentos e sensações em poesia, com uma forma específica, dentro de um número limitado de palavras, exige muitas vezes uma natureza sensível e uma capacidade de percepção acima da média. Já que “[...] a poesia deve sugerir uma ampla gama de significados por meio de poucos recursos, construindo *o máximo de efeitos com um mínimo de meios*” (SOARES, 2009, p. 26). E é esse incrível fenômeno que vemos tomar corpo na obra de muitos poetas, mas no caso deste trabalho, na obra de Elizabeth Bishop.

A poeta que inspirou este estudo, nasceu em Worcester, Massachusetts, em 08 de Fevereiro de 1911, ficou órfã de pai ainda bebê, e a mãe foi levada para uma instituição mental quando Bishop tinha cinco anos. Desde então a poeta viveu com parentes: avós maternos e paternos e tios. Bishop não teve uma adaptação tranquila, e não conseguiu se encaixar no convívio com os parentes. Quando foi para o colégio interno e então para a faculdade, nunca sabia para onde voltar, pois não se sentia como sendo parte de nenhum desses lugares.

Devido à boa condição financeira dos Bishop, a poeta conseguiu viver de sua arte durante a maior parte da vida, não precisando recorrer a fontes alternativas de renda como muitos profissionais do ramo precisavam fazer. Bishop só começou a lecionar quando mais velha, e mesmo assim por curtos períodos, e principalmente para pagar pelas obras da Casa Mariana, residência da poeta em Ouro Preto – MG. Sua estadia no Brasil, entre idas e vindas, durou vinte anos. A época que passou no país foi muito importante para que Bishop entrasse em sintonia consigo e começasse a fazer as pazes com o seu passado. A poeta faleceu em Lewis Wharf no dia 06 de Outubro de 1979, vítima de um aneurisma cerebral.

É importante esclarecer que a solidão que será retratada aqui não é o ato de estar sozinho, pois pode-se estar sozinho sem se sentir incomodado com a sua condição. A solidão aqui apresentada virá do sentimento de se sentir desconectado e da busca infrutífera por canais eficientes de comunicação. É a incômoda sensação de não pertencimento. É o sentir-se isolado do mundo. Contudo, por esta lente dialógica, entendo deste sentimento/modo existencial como necessariamente humano.

**Palavras... ao vento?**

Palavras, quando isoladas, têm uma carga significativamente menor que quando elas estão em contexto. Algumas palavras só significam em relação à algo, enquanto outras carregam consigo o pesado fardo de significarem por si só. E por trazerem esse peso, elas frequentemente são evitadas ou ignoradas por seus falantes. A solidão é uma dessas palavras que significam por si e que por isso vão de encontro ao que é considerado adequado na contemporaneidade.

Elizabeth Bishop, mesmo evitando o uso da palavra em seus escritos poéticos, conseguiu representar o sentimento com eficácia em sua dicção poética. Por meio de metáforas e simbologia, a poeta conseguiu transformar em poesia toda a sensação causada por esta emoção que carrega consigo uma considerável carga negativa.

Considerada como a “imagem” da escrita (PAZ, 2014), a poesia possibilita que as palavras sejam usadas para poder exprimir o que se sente. A poesia não fala apenas de amor em todas as suas formas, nem apenas de sentimentos e coisas bonitas, ela também trata dos destroços, os dejetos, o feio e o marginalizado. “O poema acolhe o grito, os trapos vocabulares, a palavra gangrenada, o murmúrio, o ruído e o sem-sentido [...]. Hoje a poesia não pode ser destruição e sim busca do sentido” (PAZ, 2009, p. 120). Mas essa busca pelo sentido citada por Paz, acaba encontrando alguns obstáculos.

Já faz algum tempo que a poesia não consegue se inserir nos discursos da sociedade e acaba buscando saídas alternativas, saídas estas nem sempre fáceis: “o símbolo fechado, o canto oposto à língua da tribo, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a palavra-esgar, a auto desarticulação, o silêncio.” (BOSI, 2010, p. 165). A poesia para acontecer na sociedade atual precisa se ressignificar, ajustar-se à vida, anseios e à busca do homem contemporâneo. O ato de ler poesia se tornou algo restrito a poucos, não apenas pelo caráter estético em si, mas devido a necessidade de uma leitura mais aprofundada e reflexiva. E os “tempos modernos” não deixam muito espaço para esse tipo de reflexão.

Bauman (2001) em seu livro “Modernidade Líquida” traz um interessante conceito de Michel Maffesoli sobre os “indivíduos frágeis”. Esses indivíduos, que precisam viver em uma “realidade porosa”, precisam se adaptar, precisam ser fluidos, e para isso precisam estar em constante transformação. Esses “indivíduos frágeis” anseiam por segurança, por estabilidade e então Bauman traz Ralph Waldo Emerson afirmando que essa segurança só será encontrada na velocidade. E a velocidade não favorece o pensamento crítico,

muito menos o pensamento de longo prazo. Pensar “demanda pausa e repouso [...] tira nossa mente da tarefa em curso” (p. 150). E é exatamente este tipo de pensamento que a poesia demanda.

Considerada como o mais inofensivo dos fazer por Heidegger (2013), a poesia, quando aliada à linguagem, “o mais perigoso dos bens”, tem a capacidade de levar o sujeito à reflexão. Mas a poesia, não apenas em sua forma escrita, já nos foi tirada há muito tempo, não por termos sido obrigados a deixá-la, mas por termos escolhido nos privar dela. Levando vidas mecânicas, sem reparar o que está a nossa volta, deixamos de lado também a pluralidade do viver, pois como aborda Paz (2015, p. 118) “voltamos a ouvir o mundo, embora não possamos vê-lo”. É a cegueira seletiva da contemporaneidade, não vemos mais o que está ao nosso redor, nesta luta para nos encaixarmos no mundo, acabamos deixando de lado um pouco da nossa própria humanidade. O homem se vê sendo transformado em um ser autômato: não pensa, não sente, não se expressa.

Otávio Paz (2015, p. 115) afirmava que “o poema nos faz lembrar o que esquecemos: o que somos realmente”. Quando descobrimos o outro que há em nós, voltamos a nos reconhecer como o que realmente somos: pessoas, pessoas feitas de carne, osso e sentimento. Shakespeare dizia que o pensamento é o escravo da vida, mas em que momento libertamos o pensamento do jugo da vida e o deixamos a própria sorte? Mais que uma questão de adaptação, retomar a nossa humanidade e permitir que voltemos a sentir é uma das principais funções da poesia.

Um dos aspectos mais incríveis sobre a arte, é que nela pode-se expressar qualquer sentimento, seja bom ou “ruim”, as palavras destroços são bem-vindas e até mesmo estimuladas, pois “por não se achar algemada à racionalidade das coisas e dos acontecimentos, [...], a arte pode dar-nos a visão mais absurda ou grotesca, mas conservará uma racionalidade própria – a da forma.” (BRASILEIRO, 2002, p. 120). E sendo uma forma de arte, a poesia, como imagem suprema da linguagem, é “capaz de transcender o sentido disto e daquilo e de dizer o indizível” (PAZ, 2014, p. 111) fazendo uso de simbolismos para exprimir o que antes era indesejável e que agora vira poesia.

### **A busca por significados na poética de Elizabeth Bishop**

Segundo o Dicionário de Filosofia, a solidão é o “isolamento ou busca de melhor comunicação. No primeiro sentido é a situação do sábio, que, tradicionalmente, é autárquico e por isso se isola em sua perfeição.” Vários teóricos do assunto concordam que existem dois tipos de solidão, uma solidão que como no exemplo de Abbagnano, é vista como algo positivo e a solidão que é aquele sentimento avassalador de não ter ninguém. E então o autor complementa:

Afora esse ideal, o isolamento é um fato patológico: é a impossibilidade de comunicação associada a todas as formas da loucura. Em sentido próprio, contudo, a S. (sic) não é isolamento, mas busca de formas diferentes e superiores de comunicação: “Não dispensa os laços com o ambiente e a vida cotidiana, a não ser em vista de outros laços com homens do passado e do futuro, com os quais seja possível uma forma nova ou mais fecunda de comunicação. O fato de a solidão dispensar esses laços é, pois, uma tentativa de libertar-se deles e ficar disponível para outras relações sociais” (ABBAGNANO, 2000, p. 918).

Freud, em seu ensaio sobre Luto e Melancolia, faz a diferenciação desses sentimentos, mas antes nos apresenta as suas semelhanças: em ambos o indivíduo perde a capacidade de amar, sente desânimo, para de se interessar pelas coisas e não tem vontade de fazer nada. A diferença entre os dois está no fato de que quando o indivíduo desenvolve a melancolia ele sofre uma perturbação na autoestima. “No luto, é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego.” (FREUD; 2016, p. 210-211).

Esses traços de auto depreciação são encontrados em Bishop. Talvez pela profunda timidez e pelas perdas sofridas durante a infância, essa falta de sensação de pertencimento da autora foi algo que sempre a incomodou. Sua escrita discreta diz muito, mas o leitor precisa estar atento. Seus poemas normalmente tratam sobre a natureza, alguns falam da infância e pouquíssimos falam sobre a escritora em si. Uma vez chegou a pedir ao amigo Robert Lowell, que quando ele fosse escrever o seu epitáfio era para ele dizer que ela foi “[...] a pessoa mais solitária que já havia existido” (PIERPONT, 2017, sp). A solidão permeava a vida da poeta, por vezes ela aceitava a sensação de braços abertos, e por vezes sentia um profundo desespero.

Não faz muito tempo circulou nas redes sociais uma frase, de autoria desconhecida, que dizia: “você chega em casa, faz um café, senta na sua poltrona favorita e não tem ninguém... você que decide se isso é liberdade ou solidão”. Esse

pensamento diz muito sobre se sentir à vontade consigo mesmo, mas por outro lado, ele também responsabiliza o solitário pelo sentimento, como se ele tivesse pleno controle sobre suas emoções. Talvez seja uma boa reflexão para pessoas que não sentem uma solidão tão arraigada, como parecia ser o caso de Elizabeth Bishop. Talvez a intenção da frase tenha sido causar uma reflexão, trazendo certa banalidade ao sentimento de se estar sozinho:

Essa imagem resulta escandalosa porque desafia o princípio da contradição: o pesado é o leve. Ao enunciar a identidade dos opostos, atenta contra os fundamentos do nosso pensar. [...] No processo dialético pedras e penas desaparecem em favor de uma terceira realidade, que não é mais pedra nem pena, e sim outra coisa. (PAZ, 2014, p. 105-106)

A solidão, este sentimento muito pouco bem-vindo, só é aceitável se trazer consigo um quê de liberdade, pois a palavra, como dito anteriormente, carrega uma carga tão negativa, que a sociedade, agindo como poeta, escolheu uma forma de renomear o sentimento. Ao chamar a solidão de liberdade, resolve-se o problema, e toda a carga negativa que vem com o sentimento, desaparece em um passe de mágica. Não é mais solidão, ou até mesmo liberdade, é uma outra realidade.

Como foi apontado por Abbagnano o isolamento é uma patologia. Por isso, nessa reflexão sobre liberdade x solidão, deve-se ter em conta o estado psicológico da pessoa, pois “sentir-se só não é sentir-se inferior, mas diferente. O sentimento de solidão, por outro lado, não é uma ilusão – como às vezes o de inferioridade -, mas expressão de um fato real: somos, de fato, diferentes. E, de fato, estamos sozinhos.” (PAZ, 2015, p. 21). O problema aqui é que a solidão, como patologia, nunca vem sozinha, ela traz consigo toda a carga dessa perda de sentido da vida.

Mas só nos vemos sozinhos por estarmos inseridos em uma sociedade que nos obriga a sermos mais sociáveis, pois “[...] o homem não pode ter consciência da sua individualidade senão por intermédio da vida social.” (BRASILEIRO, p. 119). E esta condição entra em choque com a própria conduta da sociedade, já que vivemos em um meio altamente individualista em que nos vemos obrigados a criar subterfúgios para podermos sentir o que sentimos, ou sermos como somos, sem precisarmos falar sobre o que realmente sentimos ou somos. Pois sentimentos “corriqueiros”, devido a uma rotina

que nos é imposta, são vistos como tabu. Não devemos falar de solidão, de depressão, por se tratarem de escolhas feitas pelo próprio sujeito.

Uma comunidade criadora seria aquela sociedade universal em que as relações entre os homens, longe de ser uma imposição da necessidade exterior, fossem como um tecido vivo, feito da fatalidade de cada um ao enlaçar-se com a liberdade de todos. Esta sociedade seria livre porque, dona de si mesma, nada exceto ela mesma poderia determiná-la; e solidária porque a atividade humana não consistiria, como ocorre hoje, no domínio de um sobre outros (ou na rebelião contra esse domínio) e sim procuraria o reconhecimento de cada um por seus iguais, ou melhor, por seus semelhantes. (PAZ, 2015, p. 96)

Essa questão de solidão *versus* liberdade, remete à Bishop e de *Insomnia* por dois motivos: a atitude corriqueira e a “escolha” de como se sentir.

*Insomnia*

*The moon in the bureau mirror  
looks out a million miles  
(and perhaps with pride, at herself,  
but she never, never smiles)  
far and away beyond sleep, or  
perhaps she's a daytime sleeper.*

*By the Universe deserted,  
she'd tell it to go to hell,  
and she'd find a body of water,  
or a mirror, on which to dwell.  
So wrap up care in a cobweb  
and drop it down the well*

*into that world inverted  
where left is always right,  
where the shadows are really the body,  
where we stay awake all night,  
where the heavens are shallow as the sea  
is now deep, and you love me.*

(BISHOP, 2012, p. 192)

Como o próprio título do poema sugere, o eu-lírico estava acordado no meio da noite, observando a lua que se refletia no espelho da cômoda. Guilherme Bryan (2012, p. 41) nos traz um bom apontamento sobre esta dupla solidão e liberdade: “pode-se dizer que a gente precisa ter momentos de reflexão, de intimidação, para olhar no nosso interior, ver o que quer da vida e assim crescer. Mas isso não é solidão.” E então complementa dizendo que a solidão “vem da rejeição e do sentir alienado, não querido,

não amado. É sentir-se isolado do mundo.” Os momentos de insônia geralmente são de solidão, e a solidão da noite tem algo de massacrante.

E a lua se olha no espelho, talvez com orgulho, mas ela não sorri. Para uma metáfora sobre solidão, essa foi bastante ao ponto. Já que remete a aqueles momentos em que mesmo parecendo ter alcançado certa “completude”, quando se olha lá no fundo, o sujeito ainda não se sente satisfeito. Falta algo. Está vazio. E é assim, como exposto mais acima que Freud descrevia a melancolia, o sentir-se vazio, um estado de “perda de objeto que foi retirada da consciência”, pois “o melancólico nos mostra [...] um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego.” (FREUD, 1985, p. 210). E é aí que começa a inquietude, a “escolha” pela solidão. O estar sozinho, o observar a lua refletida no espelho, parece gerar o turbilhão de pensamentos que se mostra a seguir e que leva o eu-poético a não mais conseguir dormir.

E se o mundo a abandonasse, ela o mandaria para o inferno, mas Bishop foi abandonada diversas vezes em sua vida, e não pôde mandar tudo para o inferno, comparando-se com a lua, que fica sozinha no céu, vê o que o astro faria em seu lugar, já que a Terra sem lua não seria apenas um planeta escuro, a falta da lua não afetaria apenas o romantismo que é projetado no astro, se a lua resolvesse deixar tudo para lá, ela afetaria as marés, o eixo de rotação da Terra e muitas espécies e plantas deixariam de existir. E então a lua se mudaria para outro canto, isso faz uma alusão muito forte à vontade incontrolável que Bishop tinha de tentar se encontrar em outros lugares, ao seu desejo de estar sempre em movimento, sempre viajando. E então encontraria esse lugar e ali ficaria para sempre.

E lá, naquele mundo distorcido, pois é só em um mundo distorcido que tais coisas podem acontecer, nesse mundo refletido, onde a direita é esquerda, onde o certo é errado, onde os reflexos são reais, onde tudo fica acordado a noite, onde o céu é tão raso quando o mar é profundo, onde as coisas estão na superfície e não existem sentimentos enterrados, lá neste lugar ao contrário, lá o eu poético seria amado. Pois a escolha, entre estar sozinho e ser livre, foi de fato feita. Neste caso, sentir liberdade quando se está sozinho só seria possível em um mundo ao contrário, onde o eu-poético se sentiria à vontade consigo, onde não se importaria em estar sozinho, pois lá teria segurança.

A solidão neste poema se mostra de forma muito simbólica, apresentando coisas que remetem à solidão, como a lua, o espelho, as sombras, o estar acordado durante a noite, e a amplitude do universo. A solidão neste poema é sentida como se fôssemos o eu-lírico, ou a lua. Sempre sozinha no céu, com o seu brilho sendo apenas um reflexo do astro mais brilhante.

Algo interessante sobre a escrita de Bishop é que o primeiro rascunho de suas poesias era feito em prosa, e esses rascunhos também tinham certa personalidade. À medida que a poeta ia aperfeiçoando determinado poema, ela o dividia em versos, e ia se afastando cada vez mais do que fora proposto de início. Por isso é difícil separar apenas uma estrofe ou uma linha de seus poemas, do início ao fim eles vão contando uma história, e vão deixando pistas sobre o que a poeta quis exprimir com aquele escrito (ANASTÁCIO, 1999).

*Five Flights Up* é um desses poemas onde conseguimos realmente notar a capacidade de observação de Bishop. E também a sua capacidade de transformar fatos corriqueiros em poesia.

*Still dark.  
The unknown bird sits on his usual branch.  
The little dog next door barks in his sleep  
inquiringly, just once.  
Perhaps in his sleep, too, the bird inquires  
once or twice, quavering.  
Questions---if that is what they are---  
answered directly, simply,  
by day itself.*

*Enormous morning, ponderous, meticulous;  
gray light streaking each bare branch,  
each single twig, along one side,  
making another tree, of glassy veins...  
The bird still sits there. Now he seems to yawn.*

*The little black dog runs in his yard.  
His owner's voice arises, stern,  
"You ought to be ashamed!"  
What has he done?  
He bounces cheerfully up and down;  
he rushes in circles in the fallen leaves.*

*Obviously, he has no sense of shame.  
He and the bird know everything is answered,  
all taken care of,  
no need to ask again.  
---Yesterday brought to today so lightly!  
(A yesterday I find almost impossible to lift.)*

(BISHOP, 2012, p. 368)

Pelo que foi notado durante as leituras, a solidão desses poemas é algo intangível. Você sente a solidão, mas ela está tão disfarçada que por vezes é difícil notá-la. Apesar da arrebatadora frase de fechamento do poema “*A yesterday I find almost impossible to lift*”, podemos sentir vislumbres de solidão ao longo dos versos. A começar pelo título “*Five Flights Up*”, cinco andares acima, o que dá uma ideia de isolamento. Os títulos nas obras de Bishop por vezes falam tanto quanto suas composições, é com ele que a poeta buscava dar o tom na leitura, direcionando o olhar, e o sentimento, do leitor.

O eu-lírico observa o cotidiano da sua altura, ainda está escuro. E logo nas primeiras linhas podemos notar que é algo frequente, já que o pássaro está em seu galho de sempre. E o dia amanhece, e com ele vem todas as suas cores, iluminando o que antes estava escuro, fazendo sombras, criando vida nova. E ela continua ali... só observando.

Assim como o pássaro, o cachorrinho também acorda e se põe em movimento. Começa a fazer arte, espalha folhas, corre, ele é feliz em sua ingenuidade animal, não se importa com a descompostura que leva. Ele não tem vergonha. Ele não precisa ter. Ele não tem problemas, tudo já se resolveu. E então o dia anterior dá lugar ao próximo dia com movimentos sincronizados como um *ballet* perfeito. Mas esse mesmo ontem em que coisas parecidas ocorreram, o mesmo ontem que nasceu iluminado e cheio de promessas. Esse mesmo ontem que começou de forma preguiçosa. Esse ontem foi um dia em que foi quase impossível se levantar.

A solidão neste poema é sentida em toda esta descrição de um amanhecer, uma promessa de um dia novo. A bonança depois da tempestade. A observação de que mesmo sabendo que ontem foi um dos piores dias da vida, que o que está a sua volta não para. A vida continua. As pessoas e os seres continuam vivendo suas vidas. Completamente sozinhas para lidar e conviver com os seus próprios problemas.

Mas nem só de falta de companhia (sobre)vive a solidão. Já entendemos que o sentimento é inerente ao seu humano. Estamos, e de certa forma somos, sozinhos. Paz (2015, p. 189) trouxe uma reflexão relevante sobre esta dupla partilha da solidão, ela “consiste por um lado, em ter consciência de si mesmo; por outro, em um desejo de sair de si”. Então não é necessário estar sozinho para sentir solidão. Podemos senti-la mesmo

quando estamos em meio a uma multidão, e é esse sentimento que é retratado tão bem por *Quai d'Orléans*:

*Each barge on the river easily tows  
a mighty wake,  
a giant oak-leaf of gray lights  
on duller gray;  
and behind it real leaves are floating by,  
down to the sea.  
Mercury-veins on the giant leaves,  
the ripples, make  
for the sides of the quai, to extinguish themselves  
against the walls  
as softly as falling-stars come to their ends  
at a point in the sky.  
And throngs of small leaves, real leaves, trailing them,  
go drifting by  
to disappear as modestly, down the sea's  
dissolving halls.  
We stand as still as stones to watch  
the leaves and ripples  
while light and nervous water hold  
their interview.  
"If what we see could forget us half as easily,"  
I want to tell you,  
"as it does itself – but for life we'll not be rid  
of the leaves' fossils."*

(BISHOP, 2012, p. 118)

A começar pelo formato, o poema tem uma forma interessante, nos remete ao movimento, o vai e vem das águas, mas tem outra coisa interessante, é uma linha longa, seguida de uma linha curta, e assim por diante, deixando as linhas curtas espremidas entre as maiores, isso fez vir à mente o ato de estar sozinho em meio a uma multidão. E mais, ele começou com uma linha longa e terminou com uma linha curta. Terminou com o eu-lírico mais uma vez sozinho.

Situada na famosa Île Saint Louis, no distrito de Notre Dame, Quai d'Orléans, além de ser o título do poema, é o nome de uma rua em Paris que fica às margens de um rio muito conhecido. Bishop viajava muito. Em uma de suas cartas para Lowell, a poeta escreveu "[...] você me dá a impressão de que sabe fazer o que é bom para você e seu trabalho e não é tentado pelas distrações das viagens [...] acho que gosto muito de viajar porque sempre me senti isolada [...]". Nesta carta Bishop relatava também que não tivera contato com a "vida intelectual" de Nova Iorque, e justificava o motivo para sentir essa vontade massacrante de viajar: tranquilidade, mudança de ares, inspiração e busca por um lugar onde se encontrasse.

O título, mais uma vez, nos apresenta diversos dados novos para que possamos aprofundar a nossa leitura. O primeiro deles é que talvez ele tenha sido escrito na França, e mesmo que não tenha sido escrito lá, foi inspirado por um rio específico, o rio Senna; o segundo é que quando da escrita, a autora estava em um local diferente do habitual.

A vida do viajante é algo solitária, ele está afastado do seu local de convívio, da sua cultura e muitas vezes até mesmo do seu idioma. Wainberg em seu livro *Turismo e Comunicação* (2003, p. 52) realça que o “[...] o desgosto com a superficialidade dos encontros casuais que permeia a vida moderna seria fator mobilizador da jornada turística rumo à intimidade dos nativos visitados [...]”. Como relatado acima, Bishop sentia essa vontade de conhecer lugares novos, ao que parece em uma tentativa de se integrar, de se conectar com alguém, de encontrar a si mesma em um lugar diferente.

*Quai d’Orléans* nos relata um pensamento profundo ocorrido às margens do rio Senna. No poema pode-se ver a água como uma metáfora para a vida, os pequenos grandes momentos, e as folhas como sendo as pessoas. Pessoas importantes e desimportantes. A vida, assim como a água, durante o seu curso vai arrastando um amontoado de coisas. A água arrasta as folhas, a barca, sendo o eu-lírico, vai deixando o seu rastro ao longo do caminho, levando consigo todas as experiências, criando impacto por onde quer que passe, deixando coisas para trás.

Já na segunda “frase” do poema, vem a sensação de pequenez frente ao mundo, o fato de você ser uma partícula de poeira no universo, no caso, um veio em uma folha que vai em direção ao cais, indo de encontro à morte. Além da insignificância do ser humano, o trecho ainda fala sobre as estrelas cadentes que assim como as folhas vão seguindo suavemente em direção ao inevitável fim. Isto leva a pensar sobre as pessoas que sofrem em silêncio, pessoas efusivas, vivazes e vibrantes por fora, mas que por dentro são desoladas, sozinhas, e que buscam a própria morte por não saberem mais o que fazer com a vida.

Em seguida são retratadas as folhas, as folhas pequenas, de verdade, que vão passando em meio às folhas maiores, às barcas, escapam de ‘morrer no cais’ e vão de encontro ao mar, seguindo o seu curso lento. Isso remete às pessoas ‘comuns’, que vivem a vida, o seu dia a dia da melhor forma possível, sem grandes arroubos de emoção, sem viverem plenamente, vão vivendo em uma calma relativa anos após ano até encontrar o seu fim, sendo engolidas por coisas maiores.

E enquanto tudo isso acontece, o eu-lírico está lá, imerso em suas abstrações, apenas observando a água, parado feito pedra, enquanto tudo isso acontece. Assim como na vida, onde as pessoas são meras espectadoras de tudo, como as folhas menores, elas não protagonistas, às vezes nem coadjuvantes, são apenas o público, observando tudo.

E para fechar o poema, vem a frase que chamou a atenção para o estado do eu-lírico, ele teve vontade de contar todos esses pensamentos para alguém, mas não pôde, talvez por estar sozinho, em outro país, tendo apenas alguns conhecidos como companhia: se as coisas que víssemos nos esquecessem tão facilmente quanto esquecem se si mesmas, nunca nos livraríamos das folhas mortas. Nesse momento de solidão, o poema descreve em poucas linhas o que se tratou tudo, a efemeridade da vida, os acontecimentos que talvez quiséssemos esquecer, mas que continuam lá no fundo da nossa mente como fragmentos de alguma coisa.

A solidão no poema está em nos levar a refletir sobre o fato de que estamos sós e que morreremos sós. E isso remete à solidão da vida moderna, onde se está rodeado por todo mundo, mas você só fica olhando, com medo de (ou preferindo não) se aproximar. A necessidade de isolamento, que às vezes é intimidade, às vezes é incômoda, é solidão. A facilidade com que nos esquecemos das coisas, a fugacidade das experiências, o viver superficial. “A poesia leva o homem para fora de si e, simultaneamente, o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. [...] A poesia é entrar no ser. (PAZ, 2010, p. 119).

Um fato curioso sobre o solitário, ou o melancólico, é que ele parece estar preso no ontem, ou em um agora que é tão pouco satisfatório que ele prefere pensar no que podia ter sido, tentando encontrar o momento em que aquele algo indefinido foi perdido. “A solidão é inerente ao estado melancólico, pois quem se angustia e olha a vida com os olhos da morte naturalmente precisa se afastar da sociedade e da realidade.” (MORELATO, 2010, p. 8)

Para Pessoa *apud* Alcaraz (2014) a partir do momento que se pode considerar o mundo como sendo ilusão, também podemos pensar que tudo o que acontece é um sonho. E isso faz florescer em nós um sentimento sutil de indiferença. “Os que morrem viraram a uma esquina e por isso os deixamos de ver; os que sofrem passam perante nós, se sentimos, como um pesadelo, se pensamos, como um devaneio ingrato.” E então o autor complementa, “e o nosso próprio sofrimento não será mais que esse nada” (PESSOA, 2008, p. 75 *apud* ALCARAZ, 2014, p. 56).

## **O amanhã, o amanhã, o amanhã**

Para Shakespeare (1989, sp), “o amanhã avança em passos mesquinhos, dia a dia até a última sílaba do tempo que se recorda, e todos os nossos ontens iluminaram para os loucos o caminho da poeira da morte.” Mas aqui neste trabalho deve-se deixar registrado que a vida é muito mais que “um conto contado por um idiota, cheio de som e fúria, significando nada”. A vida, e os seus amanhãs, traz consigo diversas (re)significações e por meio da conscientização da retomada do processo de humanização, buscamos por meio da poesia, resgatar o que é considerado essencial nesse processo: a reflexão, a aquisição do saber, a sintonização das emoções, o senso de beleza, a percepção de que o mundo e os seres são complexos e que devemos aceitar as diferenças. Voltar o homem para a sua condição de ser humano.

Ressignificar a noção de solidão através das artes, principalmente da literatura, é uma forma de humanizar um sentimento que ainda hoje é visto como uma questão de escolha e não como uma característica inerente ao seu humano. A solidão é autoconhecimento e aceitação e por isto ela produz significados, e arte. Pode-se notar que grande parte dos artistas têm uma inclinação para a depressão, pois eles estão em um contato direto com a conexão profunda que a solidão permite que eles tenham consigo mesmos. Muito mais que uma “palavra destroço”, a solidão nos apresenta os benefícios que o sentir-se sozinho nos traz, seja por meio de viver a arte, seja por conseguir alcançar o autoconhecimento. O sujeito não precisa estar acompanhado o tempo todo, o que a solidão clama é que ele encontre formas eficientes de se comunicar.

E, a poesia, nas palavras de T.S. Elliot (1989, p. 47), “não é uma liberação da emoção, mas uma fuga da emoção; não é a expressão da personalidade, mas uma fuga da personalidade.” E era na poesia que Bishop via a sua via de escape da solidão, pois quando escrevia ela entrava em sintonia consigo mesma, nesse mais absoluto silêncio e, como descreveu Paz (2014, p. 109) sobre os *Upanixades*, escrituras hindus que versam sobre meditação e filosofia, “o estado mais elevado se atinge quando os cinco instrumentos do conhecer ficam quietos e juntos na mente e esta não se move.” É na calma, no silêncio, na paz consigo e para com o mundo, que o poeta consegue se ver por dentro, trabalhar as emoções, e fazer dessa solidão, liberdade. Pois, continuando o

pensamento de T. S. Eliot, “[...] naturalmente, porém, apenas aqueles que têm personalidade e emoções sabem o que significa querer escapar dessas coisas.” (ELLIOT, 1989, p. 47)

## REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALCARAZ, Marcelo Barbosa. **O imaginário da solidão em espaços (auto) biográficos**. 2014. 160 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ANASTÁCIO, Sílvia M. Guerra. **O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Bishop**. São Paulo: Annablume, 1999. 258 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BISHOP, Elizabeth. **Complete Poems**. London: Chatto & Windus Ltd, 1991. 287 p.

\_\_\_\_\_. **Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 792 p. Seleção e organização (edição americana) Robert Giroux: seleção (a partir da edição americana) Carlos Lins da Silva. João Moreira Salles: tradução Paulo Henriques Britto.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. Editora Cultrix: São Paulo, 1977.

BRASILEIRO, Antonio. **Da inutilidade da poesia**. Rio de Janeiro: 7Letras; UEFS Editora, 2012.

BRYAN, Guilherme. Solidão, use com cautela. **Revista da Cultura**, São Paulo, v. 1, n. 57, p.37-41, abr. 2012.

CANDIDO, Antônio. “Direito a literatura”. In: **Outros escritos**. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2012.

ELIOT, T. S. **Tradition and the Individual Talent**. Disponível em: <<http://people.unica.it/fiorenzoiuliano/files/2017/05/tradition-and-the-individual-talent.pdf>>. Acesso em 15 ago 2017.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 49, n. 90, p.207-220, jun. 2016. Semestral. Traduzido por Marilene Carone.

HEIDEGGER, Martin. **Existence and Being**. Worcestershire: Read Books Ltd, 2013.

MARSHALL, Megan. **Elizabeth Bishop: a miracle for breakfast**. Boston: Mariner Books, 2017. 365p.

MARTINS, Maria Lúcia Milléo. **Duas artes**: Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. 237p.

MONTEIRO, George (Org.). **Conversas com Elizabeth Bishop**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 189 p. Organização da tradução Rogério Bettoni.

MORELATO, Adrienne K. Savazoni. **Entre o passageiro e o eterno: representações da solidão e da melancolia na poesia feminina brasileira**. 25p. Unesp Araraquara, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 150 p.

PAZ, Octavio. Os signos em rotação. In: \_\_\_\_\_. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2015. P. 95-123.

\_\_\_\_\_. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. **O labirinto da solidão**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

PIERPONT, Claudia Roth. Elizabeth Bishop's Art of Losing. **The New Yorker**. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2017/03/06/elizabeth-bishops-art-of-losing>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe; TAMAYO, Álvaro. **Conceituação e definição de solidão**. Rev. de Psicologia, Fortaleza, v. 1, n. 2, p.29-37, jun. 1984.

PRZYBYCIEN, Regina. **Feijão-preto e diamantes**: O Brasil na obra de Elizabeth Bishop. Belo Horizonte: Editora UfmG, 2015. 201 p.

SHAKESPEARE, William. **Obra Completa**. Vol. 1. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1989. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_noticia=171280](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=171280)>. Acesso em: 23 out 2018.

SOARES, Marcos. **Literatura em língua inglesa**: tendências contemporâneas. Curitiba: lesde Brasil, 2009. 152 p.

*Recebido em: 29/10/2018*  
*Aprovado em: 08/12/2018*